

Resenha:

Da escrita do amor ao olhar do amor

Trata-se de amor. Mas o amor não está somente aí, no objeto tratado. Irley Franco, em *O Sopro do Amor*, escreve sobre o amor mas, também, a partir do amor e com amor. Há, aqui, uma escrita que é *do* amor, que a ele pertence, que dele vive e sobrevive, que recebe seu ar justamente do sopro do qual não cessa de falar: o sopro do amor. Ele não pára de soprar e é responsável pelo fôlego que, do início ao fim, anima uma interpretação que, se não é exaustiva, pois não tem pretensão de esgotar aquilo do que fala, é, porém, infatigável na perseguição daquilo, justamente, que a anima: o amor. Na disposição de fuçar ali onde nada de óbvio se mostrava, nos caminhos e descaminhos que a reflexão toma, espalhada pelos tantos e tantos verbetes que lhe dão forma, é a escrita, ela mesma, que se deixa impregnar do amor de que fala, ou seja, dando-se a ele, num ato de entrega ao “outro” pelo qual, quem sabe, pode um deus advir. Eros.

Tomada, então, por *menos*, como esclarece o próprio texto, essa escrita enxerga a si mesma como carregada e transformada pelo amor. Enquanto é levada por ele, pode ela pensar sobre ele, isto é, elevar esse olhar sobre si ao pensamento, acompanhando isto que toma o peito e arrebatava numa experiência inteira, e não parcializada. Por isso, essa escrita não poderia ser sistemática, não poderia ser norteada por um método prévio. É só nesta forma, por assim dizer, mais frouxa, que as palavras deixam-se direcionar pela força impressa pelo sopro, mantendo-se elas neste vagar leve e fluído, sem desejar fincarem raízes em um solo fundamental que as fixaria de uma vez. Desse modo, vamos acompanhando a tessitura do texto na sua própria leitura, de início ligeiramente perdidos talvez, mas, pouco a pouco, encontrando nele a mesma essência daquilo de que fala, o que exige, então, também de nós, uma entrega. Já entre-

* Professor do curso de Especialização em Arte e Filosofia da PUC-Rio.

gues, somos convidados a ir reencontrando no texto motes antes deixados para trás, e que voltam, de súbito, relacionados a um novo tema em um novo verbete, pois os pontos dessa interpretação de um trecho tão pequeno da filosofia de Platão (o discurso de Fedro no *Banquete*) vão circulando numa espécie de órbita sem centro, cujo fito é apenas movimentar a escrita no ar respirado a partir do sopro do amor.

Nesse sentido, trata-se, mesmo, de uma escrita do amor que nos dá, em especial, olhos para o olhar do amor. Não, o amor não é cego. Pelo contrário, o amor é aquilo que só aparece para quem tem olhos para ver, para ver o que é, ou seja, aparece para quem ama. Não por acaso, somos tomados, quando amamos, por uma espécie de orgulho por termos consciência de que somos nós, e muitas vezes só nós, que conseguimos enxergar aquilo, aquela beleza, aquela magia do ser. “Ela era, talvez, a insensível e inconsciente testemunha de sua própria graça”, escreveu Proust. É da parte do amante que vem a possibilidade de um testemunho sensível e consciente de tal graça irradiada pela amada. No amor, essa graça ganha um olhar à altura do ser, que pode, então, enxergá-la. Não, o amor não é cego. É um olhar que atravessa o fogo do mundo e, derretendo-se nele, não se perde, mas se transforma, ou seja, ganha nova forma. É já esse olhar de aço do amor que pode, então, ver o amado e salvar, na vida mesma, seu ser. Desocultando, revelando, testemunhando, transformando, iluminando — só o amante realmente vê.

No cerne do enigma do amor está essa transformação, no sentido daquele desafio de Píndaro: “vem a ser aquele que tu és”. Neste jogo entre ser e devir, o amor coloca-se como um perder-se de si para, indo ao outro, encontrar-se numa unidade em que o movimento deixa tudo num “êxtase cósmico”. Já Freud falara que, no “auge do sentimento do amor, a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer” e que “contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que ‘eu’ e ‘tu’ são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato”. Foi o que, de modo poético, também escreveu Octavio Paz.

Os opostos não desaparecem, mas se fundem por um instante. É algo como uma suspensão do ânimo: o tempo não pesa. (...) Todos já amamos. O amor é um estado de reunião e participação aberto aos homens: no ato amoroso a consciência é como a onda que, vencido o obstáculo, antes de se desmanchar, ergue-se numa plenitude na qual tudo — forma e movimento, impulso para cima e força da gravidade — alcança um equilíbrio sem apoio, sustentado em si mesmo. Quietude do movimento. E do mesmo modo que atra-

vés de um corpo amado entrevemos uma vida mais plena, mais vida que a vida, através do poema vislumbramos o raio fixo da poesia. Esse instante contém todos os instantes. Sem deixar de fluir, o tempo se detém, repleto de si.

No amor, os homens deixam os deuses, em seu advir, virem. Tomam contato com um velho mais velho que todo o velho, um antigo imemorial, cujo poder reincide, como relâmpago, entre amante e amado. Lançados ao inferno, os amantes perdem seu chão, seu lugar familiar e estável. Nessa queda, porém, pode acontecer de caírem para cima e alcançarem os céus, quer dizer, o sentido verbal do ser. Pois amar é verbo transitivo e, por isso, infinito. Daí Heidegger ter escrito, em uma carta a Hannah Arendt, que “o coração nunca está em condições de dominar o despontar repentino do outro em nossa vida”, que “um destino humano entrega-se a um destino humano, e o serviço do amor puro é manter desperta essa entrega exatamente como no primeiro dia”. Se o amar ama, está sempre amando. Mais do que isso, amar é a própria possibilidade de experimentarmos a essência transitiva de tudo o que é. E, no limite, amar é mesmo a chance de encontrar, nessa transitividade, não o turbilhão do que nunca pára e nada deixa ser, mas, pelo contrário, a “quietude do movimento”, a experiência sem par com uma vida mais vida que a vida.

Talvez as considerações desse livro, a um só tempo breves na sua forma e longas em seu refletir incessante umas nas outras, sejam, antes de mais nada, elas mesmas, um sopro. Sopro que nos convida a amar e pensar ou, quiçá, a pensar amando e a amar pensando, quer dizer, a uma entrega inteira para a experiência do ser como outro do homem e, até, como outro de si mesmo. “Eros não traiçoa seu impulso original quando dirige sua paixão para a verdade, porque também a verdade é bela”, escreveu Walter Benjamin. Vendo mais do que vemos, no amor somos iniciados no verbo do mundo, levados a um instante do tempo sem par, originário porque origem viva, sempre à espreita e prestes a despertar. Basta que amemos.